

Da Heteronomia à Autonomia' - Artigo de Antonio Carlos Gomes da Costa

A adolescência pode ser encarada, do ponto de vista do desenvolvimento pessoal e social, como uma transição da heteronomia da infância à autonomia do mundo adulto. Nesse percurso, como procuraremos demonstrar, o protagonismo juvenil pode exercer uma influência construtiva da maior relevância.

O desenvolvimento pessoal do adolescente tem sua base na identidade. De fato, se ele não for capaz de compreender-se e aceitar-se todo o curso do amadurecimento de sua personalidade estará comprometido por uma distorção de base. Isto ocorre porque tal distorção impede o desenvolvimento da auto-estima. Ter auto-estima ou, como diziam os antigos, amor próprio, é ter em relação a si mesmo um sentimento positivo. É a pessoa gostar de si, querer-se bem. Como alguém poderá gostar de si mesmo, se não se compreende e não se aceita? Além do mais, sem auto-estima, torna-se impossível o desenvolvimento de um bom auto-conceito. O auto-conceito é a idéia que cada um faz si mesmo. Ele é, poderíamos dizer, a versão racional da auto-estima.

Quando o bom sentimento da pessoa em relação a si própria é apreendido no plano da razão, ele assume a forma de uma auto-conceito positivo, que, por sua vez, torna-se a base da autoconfiança.

A autoconfiança, podemos afirmar sem receio, só é genuína, só é autêntica, quando se apoia numa identidade bem definida, ou seja, o adolescente se compreende e se aceita em suas forças e debilidades, sendo, portanto, capaz de desenvolver uma auto-estima e em auto-conceito positivos. Sem autoconfiança, o jovem torna-se, literalmente, incapaz de olhar o futuro sem medo.

A visão destemida do futuro é o primeiro na construção do projeto de vida. Mas, antes que o projeto de vida se delineie, é necessário que, em nível mais profundo que o racional, surja no jovem um desejo profundo em relação ao futuro. Este desejo é um sentimento, e, como tal, não pertence ao âmbito da racionalidade. Trata-se de um querer-ser que ainda não passou pelo crivo da razão.

Quando o desejo, o querer-ser, passa pelo crivo da razão, ele se transforma num projeto de vida, ou seja, num sonho com degraus, numa trajetória com etapas, que devem ser vencidas para se atingir o fim almejado. O projeto freqüentemente se transforma numa visão de futuro, numa espécie de memória de coisas que ainda não aconteceram, mas que, se assumidas com determinação e esforço, podem tornar-se realidade. É neste momento que a vida do jovem passa a ser revestida de sentido.

O sentido da vida é aquela linha, que une o ser ao querer-ser. Tudo que nos encaminha na direção e no sentido do nosso projeto de vida, do nosso querer-ser racionalizado, agrega valor à nossa existência. Por outro lado, tudo que nos detém, nos desvia ou nos faz retroagir é visto e sentido como uma agressão ao nosso ser.

A beleza do sentido da vida reside no fato de ele constituir-se no fundamento da autodeterminação do jovem ou, em outras palavras, da sua busca de autonomia. Agora, já não serão os seus familiares, os seus amigos ou os seus educadores, os que decidirão o seu rumo, é ele próprio - ninguém mais, ninguém menos - que se incumbirá, em última instância, de fazê-lo.

E neste momento que emerge essa capacidade de resistir à adversidade e de, até mesmo, utilizá-la para crescer, que tem sido chamada resiliência. Sem todos esses desenvolvimentos anteriores, a resiliência é simplesmente impossível de existir. Ela não é uma qualidade em si mesma, antes, trata-se da resultante natural das capacidades, que mencionamos até aqui, desde que elas estejam suficientemente desenvolvidas e corretamente articuladas entre si. O jovem dotado de resiliência será capaz, não só de resistir às forças desagregadoras do seu ser, mas de capitalizá-las no processo de seu desenvolvimento pessoal e social.

O Diário de Anne Frank, a adolescente que não se deixou destruir pela brutalidade de seu tempo, é um verdadeiro hino a essa extraordinária capacidade, que o ser humano revela de crescer, superando todo tipo de obstáculo.

O que a experiência nos mostra é que o ser humano não é fruto apenas das condições, que moldaram seu passado, mas que a situação presente de cada um é também fruto da sua postura básicas diante do próprio futuro. A capacidade humana de prefigurar o

futuro no seio do presente, em meio às situações mais adversas, tem respondido por episódios que, de outra forma, facilmente nos fariam crer estarmos diante de milagres de resistência e auto-superação.

A auto-realização - é bom que se esclareça - não é a resultante de um objetivo atingido, de fim alcançado, de uma meta superada. Basta o jovem estar na direção e não estar parado, que ele já está se realizando. Não é necessário chegar lá. Cada passo dado na direção daquilo que dá sentido à sua vida é para o jovem motivo de auto-realização.

Naqueles momentos - que não são freqüentes na vida - em que o ser e querer-ser se encontram e parecem abraçar-se, o jovem alcança os momentos-cúpula, os pontos de culminância de sua existência. São os momentos de plenitude-humana. Uma formatura, um casamento almejado, o trabalho sonhado, o reconhecimento coletivo por um feito, um sonho realizado, o nascimento de um filho, uma obra desafiante terminada, um estado de maturidade e lucidez alcançado. Tudo isso é matéria de vivências plenas, que pervadem a vida de uma pessoa, penetrando-lhe os recônditos da sua estrutura física, psíquica e espiritual.

O que é auto-realizar-se? Auto-realizar-se é a pessoa desenvolver plenamente o seu potencial. É tornar realidade aquelas promessas que cada um de nós trouxe consigo ao nascer. Empenhar-se nesse sentido é lutar pela felicidade. Encaminhar-se nessa direção é ser feliz. Freud afirmou que o homem se realiza no amor e no trabalho, ou seja, na vida afetiva e na vida produtiva. Cênise Monte Vicente acrescenta um terceiro ponto. O homem realiza-se através da solidariedade para com os outros homens, ou seja, na ação em favor do bem comum, na esfera da cidadania.

É justamente nessa esfera, que o jovem supera o particularismo das relações afetivas e do projeto profissional, desabrochando para o desenvolvimento social no sentido mais pleno do termo. E é, precisamente aí, que o protagonismo juvenil, enquanto prática e vivência da educação fonte do seu sentido e o suporte da sua significação como rito de ingresso das novas gerações nas questões relativas ao bem comum.

Antonio Carlos Gomes da Costa foi educador e autor de diversos livros. Através de sua empresa, a Modus Faciendi (www.modusfaciendi.com.br), com sede em Belo Horizonte, MG, presta consultoria a diversas instituições do Terceiro Setor, entra as quais o Instituto Ayrton Senna, do qual é o principal consultor. O presente texto circulou amplamente de maneira informal até que, com pequenas revisões, se tornou o terceiro capítulo do livro do autor *Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática* (Fundação Odebrecht, Salvador, 2000), pp.46-57.

Texto disponível em:

<http://www.buscajovem.org.br/noticias/da-heteronomia-a-autonomia-artigo-de-antonio-carlos-gomes-da-costa>

Acesso em: 24 de maio de 2018.